

Do Sámonios ao Magusto: Uma porta aberta ao Além

Por David Outeiro

A chuva faz-se cada vez mais frequente, a friagem começa a inundar as moradas e o sol e a luminosidade míngua dando passagem ao tempo das trevas. Finaliza a época das colheitas, dos frutos, as carvalheiras e fragas mudam a sua cor anunciando o seu longo descanso enquanto a névoa flui entre as atlânticas paragens. O ano celta chega ao seu fim de novo, neste ciclo, nesta roda que é a vida. Aliás, grandes festejos serem realizados ao longo das terras celtas posto que é o momento de fazer um recebimento. A barreira que separa o mundo dos vivos do dos mortos é cada vez mais sutil. Finalmente a barreira dissipa-se e as Ânimas dos devanceiros voltam connosco neste celebração que é o Samhain ou Samónios. Grandes fogueiras alumeiam a obscuridão nos cúmios destas terras, inclusivamente as caveiras semelham voltar a vida com a luz que desprendem. Os devanceiros já estão aqui de novo, estais preparados para recebê-los?

Durante as datas ao redor do 1 de Novembro, os celtas acudiam a celebração duma das grandes óenach. Este tipo de festejos consistiam em grandes assembleias religiosas, políticas e rituais que tinham lugar num território fronteiriço e com presença de tumbas. É por isso habitual que nos territórios de celebração haja grande quantidade de túmulos megalíticos posto que para os celtas era necessário lembrar os devanceiros e recriarem as façanhas dos tempos míticos nos que teve lugar a génese do seu povo. Como não podia ser doutro jeito, na Galiza contamos com muitas evidências da celebração deste tipo de festejos por causa da existência de múltiplos encraves que cumprem ditas características. Também existem epígrafes que mostram esta tradição, tal é caso de "Coso Oenaego". Acreditava-se que neste tempo e nestes lugares, o mundo do Sidh, o Além irlandês é que se abria. Esta abertura permitia que os espíritos que habitavam o mundo inferior, o dos túmulos, saíssem ao exterior e pudessem interagir com o mundo dos vivos. Na Galiza temos o seu equivalente no mundo da Mouramia, o mundo inferior dos mouros. Tal e como apontamos noutro artigo, o termo que designa a esta mágica gente, poderia provir da voz celta MWROS que designa aos mortos.

Na antiga Irlanda existia uma grande óenach para festejar o Samhain; a Óenach de Tara. Este lugar era a residência do Ard Ri, o rei supremo de Irlanda. O seu carácter de lugar funerário está bem testemunhado pelo grande enterramento de corredor do 2000 a.C. que foi empregado até a Idade do Bronze ainda que esteve habitado desde o 4000 a.C. Neste lugar foi achada a Lia Fail, A Pedra do Destino que berrava quando o legítimo rei de Irlanda a pisava. Uma obra do 1722 chamada "*Árbol Cronológico de la Santa Provincia de Santiago*" de Jacobo de castro, fala da origem galega da Lia Fail assim como também da origem galega dos irlandeses.



Lia Fail do Outeiro de Tara (Irlanda)

Este era o lugar sacro da rainha-deusa Mebd com a que o futuro rei de Irlanda teria de coabitar com ela sexualmente para aceder o trono. Era o ban-feis, a união do rei com a deusa da soberania. Outras óenach semelhantes são as de Cruachu, onde se achava uma cova que segundo a crença é uma entrada ao Além e Emhain Macha. Esta última está relacionada com a deusa Macha que forma uma tríade com Mórrigam e Babd; deusas "escuras" e da guerra. Foi também durante o Samhain quando Morrigam teve um encontro sexual com Dagda, antes da batalha de Cath Maighe Tuireadh contra os Fomorianos. Quando se produziu o encontro, Morrigam achava-se lavando num rio, mantendo um pé a cada lado. Esta deusa que aparece nos velhos escritos da Irlanda não é outra que a chamada Lavandeira que aparece na mitologia galega com as mesmas características, como um temido mal agoiro.

A celebração herdeira do Sámonios na Galiza é o Magosto ou Magusto. Com respeito a presença do termo Sámonios na antiga Galiza, Tomás Rodríguez comenta:

"Assim e tudo convêm saber que na Galiza temos o topónimo do mosteiro de Samos, antigo "Sámanos" (documentado), que segundo os filólogos provém do céltico e significa "reunião, junta de gentes, assembleia". Tem a mesma raiz que Samhain ou que o galo Sámonios (documentado no Calendário de Coligny), que se refere ao mês no que começa a metade escura do ano, quando as portas estão abertas para mortos e vivos, que se misturam numa grande festa documentada ainda nos séculos iniciais do cristianismo medieval, e cristianizada como Todos-Os-Santos e Fieis Defuntos".

Segundo afirma o Tomás, o termo Sámanos podemos-lo achar em documentos do ano 785 em Samos: "*monasterii samonensis*", "*ad dominos de casa de Sámanos*" entre outros. Esta data pagã seria cristianizada, portanto, com o nome de Todos-Os-Santos (1 de novembro) no S IX e o dia seguinte no S XII como Dia de Defuntos. A pesar disto, na Galiza sobreviveu com o nome profano de Magosto. O José Manuel Barbosa num artigo por ele publicado em 2004 diz ao respeito do termo:

"Ao nome de Magusto têm-se-lhe dado várias origens etimológicas. Dentre elas a de "MAGNUS USTUS" que vem significar algo assim como "grande fogueira", donde MAGNUS é grande e USTUS, queimado, ardido, em particípio passado do verbo "Uro", arder, queimar. Pode ter umha certa lógica mas nós

quereríamos propor outra desde aqui que tem a ver com as palavras “MAGUS” feiticeiro, bruxo, mago e “USTUS”. A maioria das palavras em galego-português provêm do acusativo latino que neste caso seria “MAGUM USTUM” donde seria mais fácil explicar a deriva para “Magusto”, e mesmo em dativo “MAGO USTO” literalmente “...ao ou para o mago queimado”.

Uma característica sempre presente no Magusto é a de fazer fogueiras nos cúmios dos montes, lugares inabitados e visíveis desde vários pontos da paróquia. Estas são também as características próprias dos santuários celtas e galaicos: territórios inabitados e fronteiriços. Mas se nos perguntamos pela origem destas fogueiras e da possível relação do termo com um "mago" temos de consultar novamente as fontes irmãs, as irlandesas. Uma cita sobre a óenach de Tlachtga de Almagro Gorbea pode-nos dar luz:

"Tlachtga, umas das grandes óenach da Irlanda, foi nomeada assim para honrar a maga de Tlatchga, filha de Mugh Ruith, o archi-druida de Irlanda, de quem aprendeu muitos conhecimentos secretos (...)" O ponto culminante das cerimónias nesta óenach, iniciadas pelo deus Lugh, segundo se acredita, era o ato de acender o lume sacro de inverno na véspera da noite do 1 de Novembro, Samhain, começo do ano novo, realizado no cúmio de Tlachtga pelos druidas da Irlanda".

Existia a proibição de acender lumes no país enquanto este lume sacro de inverno estava aceso. A partir dele teriam de se originar os demais lumes particulares de cada casa. Citando ao Prf. André Pena Granha:

"Os druidas, como logo fizeram os curas no dia da Candelária, apagavam os lumes das casas e acendiam-nos novamente com o lume sacro do altar, cobrando um imposto ou taxa a cada fogar -origem do imposto medieval da fumádega-. O primeiro de novembro, os labregos também pagavam impostos aos senhores".

Mas este último autor também nos sugere outra etimologia para o Magusto. Segundo ele, Magusto é um composto indo-europeu ou proto-celta que consta de dois elementos. A primeira parte é MAG, raiz de esmagar (de EX-MAGARE). Dita parte está presente em Mag Tuiredh como planície do combate mas também no epígrafe "CROVGAI MAGAREICOI"(Lugar de sacrifício em Lamas de Moledo) com um "Outeiro da Maga" nas suas imediações. Temos outros topónimos como Magalofes, Magarinhos, Magám/Magão. No caso do Magusto, o que é esmagado será o ouriço para tirar dele o fruto da castanha. É portanto o segundo elemento o que varia."

Temos de ter em conta, em relação as datas, que foram objeto de modificação. Com o trespasso do Calendário Juliano para o Gregoriano omitiram-se os dias que iam do 5 ao 14 de Outubro de 1582. Isto quer dizer que o Sámonios se corresponderia com o 11 de Novembro do Calendário Gregoriano. O atual. Há que apontar que enquanto o Dia de Todos-Os-Santos se trespassou a nova data, a festa do Magusto permaneceu celebrando-se em dias posteriores posto que em muitos casos continuou com a velha data do Calendário Juliano. Isto é patente sobre tudo em Ourense e nas comarcas do interior do país. Esta data corresponde-se com o São Martinho e a sua vez com a matança do porco como aprovisionamento para o inverno; "a todo porquinho lhe chega o seu São Martinho"...diz o refrão. Em relação ao Samon/Samrad, Miranda Green comenta:

"Tinha lugar uma grade assembleia em Tara, e a origem do festival pôde ter estado relacionado com o cercado e a seleção de animais para a matança, o aprovisionamento ou a cria invernaís".



Outeiro de Tara (Irlanda)

Mas há mais evidências que nos permitem relacionar a matança do porco durante o San Martinho com as celebrações celtas. Eis outras citações de interesse:

"San Adamnan afirmava, no século VII, que se cevavam durante o outono grande quantidade de porcos destinados a ser matados ao principio do inverno na festa de Samhain".

"A carne do porco e o vinho a través da embriaguez, concedem a passagem á eternidade".

"O essencial era, por outra parte, que houvesse bebida e carne com profusão, fazendo do festim dos homens uma imagem tão exata como for possível dos deuses" (Le roux, Guyonbarc 'h.2003:49-50).

"Consumia-se ritualmente a carne dum animal consagrado a Lugh, nesta festa onde os guerreiros se reuniam para exhibirem os seus trofeus, contarem-se as suas façanhas e depois de estar bêbados disputarem pela sua porção de herói" (2003:52).

Apesar de que não se costuma contemplar, é importante observar que este festejo coincide com a temporada dos fungos. Como bem sabemos, os celtas, ao igual do que outros povos indo-europeus, conheciam o efeito enteógeno dalguns fungos e plantas. Como apontamos noutro artigo, os fungos enteógenos provocam um estado alterado de consciência que era interpretado como um contato com o Além. Mantenho que com probabilidade nestas datas também se aproveitasse o efeito enteógeno dos fungos outoniços. Tal e como se tem achado em jazigos arqueológicos em relação com povos celtas, existiu um uso dos enteógenos (em ocasiões possivelmente misturados com o álcool) durante festejos rituais. Isto faz-se mais evidente se nestas datas se procurava uma conexão com os deuses e os devanceiros (a mente inconsciente), assim como o efeito enteógeno da alteração espaço-temporal.

O lume é portanto um aspecto indispensável da celebração do Magusto. Para os galegos trata-se duma espécie de ser vivo ao que não se lhe pode cuspir nem fazer mal. Aliás o lume é uma ligação com o além. Isto foi testemunhado por Martinho de Dúmio no seu tempo (S VI) quando criticava o facto de verter pão e vinho ao lume como práticas pagãs. O antropólogo Manuel Mandianes recolheu o caso dum homem que lhe contou que quando lhes caia o pão, limpavam-no e comiam-no ou botavam-no ao lume. O lugar mais habitual para fazer o lume do Magusto é um outeiro visível na paróquia, um lugar inabitado e onde não se cultivava nada, residência das Ânimas e lugares característicos dos santuários galaicos. É importante deixar que o lume se vá apagando só, pois segundo contam, as Ânimas que neste dia voltam do Além aproveitam para aquecerem na fogueira. É por isto importante não varrer de noite ou não fechar a porta subitamente para não lhes fazer dano. Na casa há que deixar a mesa sem recolher posto que as Ânimas também terão o seu banquete no regresso.



Magusto

Mas os montes não eram os únicos lugares onde se celebrava o Magusto, inclusivamente se faziam comidas nos adros das Igrejas e no seu interior, acarão das tumbas dos devanceiros da paróquia. Esta prática foi criticada por um bispo de Mondonhedo: Frei António de Guevara que provinha de fora da Galiza e via no Magusto uma festa esperpéntica. A sua crítica (S XVI) diz o seguinte:

[...] achamos ter costume em muitas partes deste nosso bispado que nos mortuários que fazem, e o Dia dos finados, que é outro dia de Todos os santos comem e bebem e põem mesas dentro das igrejas e o que é pior, põem jarros e pratos acima dos altares fazendo aparador deles. Ordenamos e mandamos que ninguém seja ousado nos semelhantes mortuários e honras e dias de finados comer nem beber nas igrejas, sob pena que pague cada um dous ducados e o cura que o consente quatro”.

Não há que dizer que este homem não conseguiu nada, posto que tal e como lhe disse um cura da Límia alta a Manuel Mandianes

“Aqui, o que menos importa são os Santos. Quem têm verdadeira importância, e são os protagonistas destes dous dias, são os mortos”.

Há na Galiza informação recolhida de práticas que nos lembram a realização de oferendas aos mortos realizadas nestas datas pelos povos celtas .Um destes casos foi recolhido por N. Tenório (La aldea gallega. Cádiz,1910):

"Na Godinha e nalgumas aldeias como Pungeiro e outras, conservam a prática de pôr o dia dos defuntos no cemitério, sobre as sepulturas dos mortos, um pão de duas libras e um jarro de vinho".

Outro aspecto que cumpre citar é o mencionado por Taboada Chivite (Ritos e crenças galegas):

"Já no século XVI falam as sinodais de Mondonhede que no Dia de Defuntos comiam os pobres os restos dos senhores, e castanhas".

Em Javestre varriam a lareira e deixavam, ao igual que durante a noite, boa comida e tantas lâmpadas de azeite como defuntos tinha a família. Portanto, o II Concilio de Braga do ano 572 presidido por Martinho de Dúmio não teve sucesso:

"Não está permitido aos cristãos levar alimentos ás tumbas" (Cânon LXIX).

Outro aspecto essencial é o assado de castanhas nas fogueiras. A castanha é um alimento vinculado ao Além do que também se alimentam as Ânimas já que está disponível no tempo da sua chegada. Existia a errada hipótese de que os castanheiros na Galiza foram introduzidos pelos romanos, mas acharam depósitos de pólen desta árvore muito anteriores a chegada deles. Contava um inglês chamado Swinburne que os galegos comiam castanhas na véspera dos defuntos (S XVIII) com a esperança de que por cada castanha consumida, se libertava uma ânima do purgatório. Também falava de que os nenos de Viveiro iam ao cemitério com um rosário de surrunchos (castanhas rociadas com anis). É curioso salientar o que uns alvanéis da Límia alta que abrem e preparam sepulturas lhe disseram a Manuel Mandianes:

"...nos restos dalgumas caixas temos achado castanhas que puseram as Ânimas velhas para as novas".

Era comum que durante estas celebrações, os jovens se untaram a cara com chamiços do lume. Ao chegarem de novo a sua aldeia, os velhos que saíam pelas janelas diziam-lhes ao não os reconhecerem: *"pareceis entrudos"*. Os entrudos ou entroidos simbolizam os habitantes do outro mundo, assim como o disfarce. Tal e como vimos em artigos anteriormente escritos sobre o xamanismo, era comum que os xamãs se vestissem com peles de animais para fazerem a viagem ao mundo dos espíritos. O disfarce seria uma forma de vincular ao xamã com o animal espírito e era também uma forma segura de entrar nessas outras realidades, dando lugar aos seres teriantrópicos das covas paleolíticas. Em Quiroga existia o costume de disfarçar-se durante estas datas com uma carouta com forma de caveira de melão (a qual tem relação com o crânio, do que falaremos posteriormente). Mas nesta volta dos jovens desde as fogueiras armava-se grande barulho e costumavam vir petando nos telhados de zinco pelo que também os velhotes lhes chamavam *"entroidos"*. Era uma data na que se toleravam certas atitudes que não se permitiriam noutras épocas do ano. Isto não seria de estranhar se a festa provém das óenach de Samhain na que o rei tinha de coabitar coma deusa da soberania, na que se faziam grandes festejos e na que as frátrias guerreiras estavam presentes. Cito novamente a André Pena Granha:

“Era quando o cório, "banda armada" de moços solteiros da tribo, celebrava as mascaradas como uma mesnada fantasmal e se punha temporariamente à margem da lei”.

Ainda assim, estes festejos supunham o fim do período de atividade militar pelo que acho que o maior perigo nestes dias era o das Ânimas que voltavam do Além. Este episódio é evidente na narração da Echtra Nerai do que falaremos mais adiante.

Outro costume interessante é o duma prática semelhante a do *"Trick-or-treating"* do Halloween. Citamos novamente o bispo Frei António de Guevara:

“Constou-nos pela visita que o dia de Todos os Santos e o dia seguinte de andam todos os moços da freguesia a pedir pelas portas e dão-lhes pão e carne e vinho e freixões e pijões e outras cousas, e que pedem assim os filhos dos ricos que os pobres; e por ser mais este rito gentil que cristão, ordenamos e mandamos que, de aqui em avante, nenhum moço váia aqueles dous dias de porta em porta a pedir, senão que o beneficiado, o reitor e o “primiclero” e outro que nomeasse a freguesia peçam aquele pão e todo o demais que lhes deram ou repartam na igreja o Dia dos finados entre os pobres e necessitados, sob pena que o pai ou a mãe que enviara o seu filho a pedir aqueles dias pague mil maravedís[...]”.

Também na “Etnografia Mindoniense” de Eduardo Lence Santar se diz:

“Em Mondonhede, o dia de Defuntos, pícaros, homens e mulheres pobres petam nas portas das casas e dizem: E não nos darão o Migalho? O Migalho é uma esmola. Se não a dão, caminham todos como foucinhos, refonfoneando e até petando nas portas e espelejando à gente; mas se a dão, os homens e as mulheres dizem: Vá pela alma dos que deixaram pão à casa! Nossa Senhora dos Remédios os tenha da sua mão!

Na rilheira de Cesuras pede-se o migalho uma semana depois dos Defuntos, e dão a cada um seis ou mais espigas de milho. Muitos ao recolhê-las, chucham-nos e dizem: Deus te regale no céu e na terra! Vá pela alma dos defuntos todos da casa!” (Etnografía Mindoniense; Eduardo Lence Santar. Follas Novas 2000. Compostela).

O samhain era portanto um tempo no que as Ânimas se achegavam aos castros e no Magusto as Ânimas voltam as aldeias. Mas esta volta pode ter certo perigo para os vivos posto que algumas Ânimas podem ser malignas. A prática citada anteriormente por Frei António de Guevara remete-nos a uma antiga crença. Nestes dias os jovens representavam os espíritos do Além.



Ao se achegarem à população, às Ânimas "reflexadas" naqueles que se disfarçarem, os moradores do lugar deveriam de entregar uma oferenda em troca da sua tranquilidade. Para afastar certos espíritos era necessário dar um emprego determinado aos crânios. Os antigos povos celtas praticavam a famosa caça de cabeças. Deste jeito, os guerreiros mostravam com orgulho os seus trofeus de guerra que lhes serviam para obterem o poder do inimigo abatido e acrescentar o seu próprio. Os jazigos arqueológicos mais importantes dentro do mundo celta são o das grandes concentrações de crânios reais ou de pedra de Entremont e Roquepertuse, na antiga Gália.



Cabeças Cortadas de Entremont

No contexto que nos interessa, os crânios empregavam-se para defender os castros e as casas das perigosas Ânimas que voltavam para partilhar o seu tempo com os vivos. Os celtas colocavam para a sua proteção as caveiras iluminadas ao redor das muralhas. Esta prática está bem demonstrada entre os antigos galaicos tal e como põe de manifesto os jazigos de cabeças talhadas em pedra muito similares as das zonas da Gália citadas com anterioridade. No caso das galaicas, têm uma feição que sugere que puderam ser empregues para colocar nas construções dos castros. No castro de Chão

Samartim, foi achada uma cista que continha o crânio duma mulher na entrada do castro com vontade protetora. É interessante apontar a lenda que diz que a Rainha Lupa está soterrada na porta do Castelo de San Júrgio. Como aponta Manuel Gago num artigo do seu Web, a tumba está numa estranha muralha que protege o alto do monte. Provavelmente estejamos de novo ante algo similar.

Com o tempo, esta prática chegou até os nossos dias transformada no talhado de cabaças com forma de caveira. Prática que têm um senso semelhante a feita pelos galaicos: afugentar as Ânimas mas hoje também assustar as pessoas. As cabaças costumam se colocarem ao redor dos campos-santos (Boembre, Viveiro, Vimianço, Negreira...), nos cruzeiros e nas encruzilhadas. As cabaças galegas têm a característica de apresentarem dentes feitos com ramalinhos assim como um rosto de aparência triste. Esta prática também se leva a cabo no Ortegal, Ferrol, Rias Baixas, Ourense e especialmente em Cedeira por causa do grande trabalho realizado por Rafael López Loureiro para recuperar e espalhar este velho costume.



**Cabeza castrexa nun muro da igrexa de Trasalba
(Amoeiro)**

Também se acha esta prática em Minho e Trás-os-Montes assim como municípios limítrofes de Astúries. Em Germade faziam as chamadas "bonecas" com beterrabas ou nabos, sem luz e decoradas com pelos de milho. Temos de ter em conta que a cabaça é originária de centroamérica. Por causa disto a talha de nabos existia anteriormente à talha de cabaças.



Cabeza de orixe castrexa nunha casa de San Xiao (Fontefria-Amoeiro)

Não poderia finalizar este artigo sem fazer menção a Portalém ou Portelinha, essa porta pétreo que no Monte do Seixo (Terra de Montes) permite a comunicação com o Além. O enclave do Monte do Seixo foi bem estudado pelo G.E.E Serpe Bichoca, composto por Rafael Quintía, João Bieites e Calros Solla. Este lugar, foi com toda segurança um óenach (ou Oináikoi) no passado. É ali onde se acha uma curiosa formação pétreo que nos lembra a uma porta: Portalém. No dia do mês de Santos, correspondendo-se com o Samhain, aquele que queria obter o conselho dos mortos deverá chegar-se até esta "*porta dimensional*", passar o portelo e levar uma oferenda de pão, vinho ou uma candeia. Uma vez realizada a oferenda poderá obter a resposta daqueles que nos deixaram. Mas a resposta não poderá ser revelada aos demais porque como diz a lenda, volvera-se-lhe rouca a voz de fazê-lo. Já sabemos, como apontamos em anteriores artigos, que aqueles guerreiros celtas que voltavam do Além perdiam a fala.

Nos últimos anos está-se a recuperar um festejo que semelhava esmorecer. Quando aqueles que lembrando velhos tempos propuseram-se recuperar a prática do talhado de cabaças, entre outras, olharam o passado e toparam com que o Samhain (denominação irlandesa actual do Sámónios do antigo céltico) ou antigo Samaín teria de ser o nome de revitalização do festejo. É por isso frequente nestas datas escutar novas em relação com a recuperação da Samhain/Samaín na Galiza. Isso, quando não se nos americaniza com a importação do Halloween, festa bem difundida desde a potência Estadunidense por causa da influência dos imigrantes irlandeses que lá chegaram no passado. A origem genuína do Halloween temo-la portanto nesta beira do atlântico ocupada por povos celtas, entre eles o nosso. Seria complexo apontar a sua origem, no passado longínquo. Mas é provável que uma proto-ideia do festejo já surgisse na faixa cantábrica sendo trasladada posteriormente às Ilhas com o povoamento colonizador proveniente do N.O peninsular ibérico (que já levaria a sua religião). Quem sabe se os crânios de animais colocados com vontade nas covas paleolíticas franco-cantábricas não estariam para proteger já os vivos dos espíritos malignos. Mas hoje, milhares de anos depois existe na Galiza uma festa com o nome de Magusto, herdeiro legítimo do Sámónios.



Calendário de Coligny onde aparece o nome do mês de Sámonios

Não precisamos de recuperar nenhuma festa celta pois já a temos connosco. Se bem há práticas que se perderam ao largo do país, muitas delas sobreviveram nalgumas zonas. Partindo destas práticas locais, com segurança distribuídas em tempos não muito longínquos pela Galiza, poderemos impulsionar de novo o Magusto com toda a sua essência. Reivindico portanto para estas datas o nosso céltico Magusto ainda que não podemos passar por alto um dado de interesse ao que já apontamos. Apesar de que o Magusto seja a festa herdeira do Sámanos galaico, o nome toponímico derivado directamente deste festejo é o de Samos, nome do lugar onde a dia de hoje há um mosteiro ou lugar de culto que provavelmente tenha as suas raízes na noite dos tempos.

As portas do Além estão-se a abrir novamente, estais preparados para receber os espíritos dos nossos devanceiros?

Que o lume dos devanceiros prenda por sempre nos nossos outeiros e ilumine na escuridade da noite do nosso porvir!

Referencias bibliográficas:

- Samaín: A festa das caliveras (Rafael López Loureiro)
- O rio do esquecimento (Manuel Mandianes Castro)
- Antropoloxía de Galicia (Xosé Ramón Mariño Ferro)
- La feria-fiesta-asamblea óenach de Irlanda y sus posibles paralelos en la antigua hispania céltica (Manuel Alberro)
- O Magosto, rito funerario (Manuel Mandianes Castro)
- El Mundo de los druidas (Miranda J. Green)
- Deuses, mitos e ritos do Monte do Seixo (Rafael Quintía)